

Goida e
André Kleinert

ENCICLOPÉDIA DOS QUADRINHOS

L&PM EDITORES

Pequena história das histórias em quadrinhos

Goida

A narrativa figurada é muito mais antiga do que se possa imaginar. Se você entra numa igreja e vê os quadros de uma via-sacra, de certa maneira está em frente a uma das mais primitivas histórias em quadrinhos. Na Europa, no século XX, artistas como o suíço Rodolphe Töpffer, o alemão Wilhelm Busch (criador de Max und Moritz/Juca e Chico) e os franceses Caran D’Ache e Christophe (pseudônimo de Georges Colomb) popularizaram a narrativa em imagens, prenunciando uma nova forma de comunicação visual. Embora muitas vezes estas imagens fossem cercadas, formando “quadrinhos”, o texto ficava sempre fora da ação desenhada. O pontapé inicial fora dado. Mas estávamos ainda na pré-história dos quadrinhos.

Briga pelo espaço (1895-1929)

As HQs como se conhecem hoje são frutos do jornalismo moderno. Na última década do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os mais poderosos proprietários de cadeias de jornais nos Estados Unidos, brigavam pela conquista de um público maior. Para atraírem uma massa semialfabetizada e também os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês, criaram os suplementos dominicais. A grande parte do material destes “sundays” era formada por narrativas figuradas, bem ao estilo europeu. Foi num destes suplementos que surgiu, em 1895, o personagem de Richard Outcault, The Yellow Kid (O garoto amarelo). No princípio, a figura fazia parte de um painel maior. O sucesso levou Outcault a produzir algum material semanal com The Yellow Kid, onde existiam pequenas histórias distribuídas em quatro ou mais imagens. Em certos momentos, o garoto amarelo falava em balloons. Estava lançada a nova moda. Não havia mais textos ao pé das imagens. Pouco depois da virada do século, as imagens em quadrinhos já existiam tanto diariamente como em páginas dominicais. Todas eram narrativas alegres, com situações cômicas, daí o nome como até hoje são chamados os quadrinhos nos Estados Unidos, comics. Esses comics essencialmente de jornais passaram a ser publicados em duas modalidades: daily strips (tiras diárias, em preto e branco) e sunday pages (suplementos dominicais, a cores). Uma das histórias mais antigas do gênero, *The Katzenjammer Kids (Os sobrinhos do capitão)*, criação original de Rudolph Dirks, resistiu por mais de oitenta anos. Para melhor organizar uma distribuição das histórias em quadrinhos, Hearst e Pulitzer criaram os Syndicates. A mesma história era enviada para vários jornais e seus criadores (em geral um roteirista e um desenhista) ganhavam percentagem sobre as vendas. Isto deu enorme força à “nova arte”, atraindo artistas plásticos e ilustradores para os comics. E começaram os gêneros, todos cômicos: kid strips (tiras de garotos), animal strips, family strips, girl strips e algumas misturas como boy-family-dog-strips. Até a década de 20, os quadrinhos lidavam essencialmente com um humor conclusivo em poucas imagens. Com o passar dos anos, inovadores foram criando uma narrativa que “continuava” no próximo dia, aumentando a atração pela leitura. Bem no final da década, a aventura introduziu-se nos

comics, em personagens como Wash Tubbs (Tubinho), de Roy Crane; Tarzan, de Harold Foster; Tim Tyler Luck (Tim e Tom), de Lyman Young e, principalmente, Buck Rogers, de Phil Nowlan e Dick Calkins, essa última foi a primeira história de ficção científica dos quadrinhos. Estava ganho o espaço e popularizada essa nova forma de literatura em imagens.

A era de ouro (1929-1938)

Havia iniciado a era de ouro dos quadrinhos. Foi um período fecundo para a criação de novos personagens e novos gêneros: adventure strips, aviation strips, detective strips e muitos outros. Nesse período surgiram Joe Palooka (Joe Sopapo), de Ham Fisher; Dick Tracy, de Chester Gould; Brick Bradford, de Ritt/Gray; Alley Oop (Brucutu), de V. T. Hamlim; Flash Gordon, X-9 e Jungle Jim (Jim das Selvas), todos os três de Alex Raymond, considerado um dos maiores quadrinistas de todos os tempos. E também Terry and the Pirates, de Milton Caniff; Mandrake, o Mágico, de Falk/Davis; Li'l Abner (Ferdinando), de Al Capp; Phanton (O Fantasma), de Falk/Moore; Prince Valiant (Príncipe Valente), de Harold Foster; The Lone Ranger (chamado erroneamente de Zorro, no Brasil) e King of Mounted Police (O Rei da Polícia Montada), estas duas últimas popularizando um novo gênero, as western strips. As tiras diárias e os suplementos dominicais em quadrinhos estavam em todos os grandes jornais dos Estados Unidos e das principais cidades do mundo. Na década de 30 popularizaram-se também os chamados comic books. No início, essas revistas baratas apenas rerepresentavam material compilado das principais histórias publicadas nos dailys dos jornais. Tornando-se cada vez mais lidos, os comic books (que no Brasil até hoje conhecemos pelo nome genérico de “gibis”) foram criando editoras mais poderosas, que passaram a investir em material original, essencialmente desenhado para suas páginas. Era uma nova etapa que começava.

Os super-heróis e a guerra (1938-1945)

Embora o Fantasma, de Lee Falk e Ray Moore, tivesse máscara e usasse um uniforme colante, não era ainda um super-herói. Estes surgiram realmente quando os muito jovens Joe Shuster e Jerry Siegel criaram para uma revista mensal, *Action Comics* (junho de 1938), o personagem chamado Superman (Super-Homem). O sucesso foi imediato e um ano depois outro jovem, Bob Kane, criava para a *Detective Comics* (maio de 1939) Batman. Pronto, ninguém mais iria deter a nova onda. Os estudiosos afirmam que entre 1940/45 surgiram perto de quatrocentos super-heróis, embora poucos tenham realmente permanecido. Entre eles figuravam The Sub-mariner (O príncipe submarino), Human Torch (Tocha Humana) e, principalmente, Captain America e Captain Marvel (Capitão América e Capitão Marvel). Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial – na qual os Estados Unidos só foram se envolver depois do ataque japonês a Pearl Harbour, em dezembro de 1941 – muitos heróis e super-heróis dos quadrinhos foram “convocados” para lutarem contra as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). As histórias perderam seu caráter ingênuo e puramente aventureiro para se transformarem em objetos panfletários e ideológicos. Mesmo assim, e porque a causa justa era dos “aliados”, que lutavam contra o fascismo militarista, os daily comics e os comic books continuavam fascinando o grande público. E não era só a guerra a temática dos comics. Em 1940, um desenhista chamado Will Eisner lança, nas sunday pages, um personagem que se tornaria revolucionário, The Spirit. Em histórias completas, The Spirit deu uma dimensão nova em termos de linguagem a já quase cinquentenária forma de expressão.

A desmobilização e a Europa (1945-1961)

Embora na França, na Itália, na Bélgica, na Alemanha, na Espanha e em outros países da Europa desde o início do século se produzissem quadrinhos, eles praticamente não iam além das suas fronteiras. Só realmente após a Segunda Guerra é que os europeus começaram a dar o ar de sua graça. Na Bélgica, um personagem criado por Hergé, Tintin, virou nome de uma revista famosa. Veio depois Spirou, outro personagem que se transformou em revista. As publicações europeias apresentavam séries, diferentes das tiras ou historinhas dos comics books norte-americanos. Em geral, eram narrativas que se completavam em 45 ou mais páginas, para depois serem publicadas em álbuns. O modelo belga logo foi adotado pela França e outras nações europeias, dando um diferencial aos quadrinhos realizados no Velho Mundo. Enquanto isso, nos Estados Unidos, com o término do conflito, muitos heróis voltaram à “vida civil”. Foi nesta época que surgiram duas figuras clássicas, Rip Kirby (Nick Holmes, no Brasil), de Alex Raymond, e Steve Canyon, de Milton Caniff. Em termos de humor apareceram Pogo, de Walt Kelly, e Peanuts (Minduim), de Charles Schulz, dando um novo vigor às daily strips cômicas. E também Beetle Bailey (Recruta Zero), de Mort Walker, que ao contrário de muitos personagens, ironizou a vida da caserna e o militarismo. A imaginação não tinha limites, principalmente nos comic books, onde os criadores possuíam espaço maior, ao contrário das limitadas tiras diárias. Foi a época que a dupla Stan Lee/Jack Kirby deu um novo dimensionamento aos super-heróis, através da Marvel Comics. Época do surgimento de Spiderman (Homem-Aranha), Hulk, The Fantastic Four (Quarteto Fantástico), Thor, The Silver Surfer (O Surfista Prateado) e muitos outros. Infelizmente, os comic books já haviam passado por uma espécie de “purga”, quando o moralismo vigente dos anos 50 exigiu “moderação” na violência e no sensacionalismo de algumas publicações.

Decadência e ascendência (1961-1980)

Limitados pelas exigências dos Syndicates ou a censura dos comic books, os criadores tradicionais norte-americanos foram caindo num buraco negro. Mesmo uma revista de humor e sátira corrosiva como a *Mad* (criada em 1954) com o passar do tempo foi aderindo a padrões bem mais brandos. Mas pelo menos os outsiders reagiram. Na metade da década de 60, começou a publicação de underground comics (mais tarde chamados simplesmente de comix). Eram histórias absolutamente livres, irreverentes, contestadoras e, às vezes, até pornográficas, de autores não filiados aos Syndicates ou às grandes editoras de comic books. Os underground (entre os mais famosos aparecem Robert Crumb, Gilbert Shelton e S. Clay Wilson), de forma irregular e caótica, abriram espaço para os quadrinhos adultos, zombando da censura retrógrada. Antes disto, porém, acentuou-se a decadência das daily strips, principalmente as narrativas de aventura, cada vez mais ideologizadas. Na Europa, no entanto, era diferente. Em 1962, Jean-Claude Forest começou a desenhar Barbarella, uma história de ficção científica, com uma heroína sexy, dedicada exclusivamente ao público adulto. Vieram, na onda, Valentina, de Guido Crepax, e Paulette, de Pichard/Wolinski, contribuindo para a erotização completa dos quadrinhos. Nesse período também faziam sucesso personagens como o Tenente Blueberry, de Jean Giraud, Asterix, de Goscinny/Uderzo, e Lucky Luke, de Morris, aceitos tanto pela garotada como pelos adultos. Em 1967, quando foi criado, Corto Maltese, de Hugo Pratt, inaugurou uma modalidade de narrativa figurada que chamaram, sem exagero algum, de “romance em quadrinhos”. Na França, na Itália e na Espanha surgiram novas revistas

mensais, todas elas destinadas a um público maior de 15 anos. A mais famosa delas foi *Metal Hurlant* (1974), cujo sucesso levou à criação de uma versão norte-americana, *Heavy Metal*. Essa apontou novos caminhos às editoras dos Estados Unidos, pois após a Guerra do Vietnã e o fim do sonho norte-americano, haviam caído por terra o moralismo e outras conversas fiadas em torno de pátria e patriotismo.

Revolução permanente (1980-1990)

Decididamente os Estados Unidos haviam perdido uma liderança de muitos anos. Quem começava a se sobressair agora eram os europeus, com notáveis desenhistas e argumentistas. Mais ainda: grandes, “sérias” e tradicionais editoras como a Larousse, a Hachette e a Mondadori (italiana) lançaram-se aos quadrinhos com um vigor impressionante. Passaram a publicar séries (de mais de mil páginas cada) em que a História e a didática apresentavam um dinamismo impressionante. Assim, foram publicadas “A História da França”, “A Descoberta do Mundo”, “A História do Far West”, “A Bíblia”, “A História da Grécia e Roma”, “As Grandes Batalhas”, “A História da Segunda Guerra”, “Os Grandes Líderes”, “A História da Música” e muitos outros títulos. Além de adultos, os quadrinhos europeus provavam (e eram integralmente aprovados) ser um notável instrumento didático. Os preconceitos haviam caído por inteiro. Mas os norte-americanos não aguentaram impassíveis a perda constante de seus antigos mercados. Embora as daily strips voltassem completamente ao passado, são raras hoje as tiras que fazem sucesso sem serem cômicas e conclusivas em quatro ou menos quadrinhos. As editoras dos comic books, principalmente a Marvel e a DC (National), reagiram. Com o surgimento de uma nova geração de artistas (Frank Miller, Howard Chaykin, Bill Sienkiewicz e muitos outros), novas formas foram tentadas. Apareceram as minisséries e as graphic novels, renovando o gosto pelos comics. Na Europa, graças ao mercado comum, há uma troca constante de publicações em álbuns, dando aos criadores a certeza de viverem somente dos quadrinhos. Assim, decadente nos jornais, mas explodindo em revistas e nas livrarias, os quadrinhos sobreviveram, em transformação e revolução muito saudáveis.

O Brasil (1905-1990)

Embora a tradição da narrativa figurada existisse em nosso país desde o final do século XIX, os quadrinhos só foram surgir em 1905, com a publicação da revista infantil *O Tico-Tico*. O personagem mais apreciado era Chiquinho, cópia descarada do Buster Brown, criado pelo norte-americano R. F. Outcault. Em *O Tico-Tico*, que por muitos anos foi a única publicação dedicada somente às crianças, formou-se uma geração de quadrinistas como, por exemplo, Alfred e Osvaldo Storni, Max Yantok, Luis Sá e J. Carlos. O humor era a principal característica das histórias em quadrinhos dessa revista. Nela também publicavam-se contos, páginas didáticas, brincadeiras e jogos de armar. Assim, a grande aventura dos quadrinhos no Brasil teve que esperar até 1934, quando Adolfo Aizen, depois de uma visita aos Estados Unidos, criou o *Suplemento Juvenil*. Nessa publicação, em formato de tabloide, que circulava três vezes por semana, apareceram os grandes heróis das daily strips norte-americanas. A garotada vibrou com Tarzan, Flash Gordon, Brick Bradford, Mandrake, o Mágico, O Rei da Polícia Montada, Jim das Selvas, X-9, Dick Tracy e muitos outros. Ao mesmo tempo, Aizen abriu espaço para novos desenhistas brasileiros, revelando, depois de 1937, Fernando Dias da

Silva, Carlos A. Thiré, Monteiro Filho, Rodolfo Iltzcke e Antonio Euzébio. Em São Paulo, o jornal *A Gazeta*, que havia tentado a criação de um suplemento chamado *A Gazeta Infantil*, obteve sucesso quando lançou *A Gazetinha*, primeiro semanal, a partir de 1933. Nessa foram publicadas, pela primeira vez, as histórias de *O Fantasma*. *A Gazetinha*, porém, nunca teve a mesma força do *Suplemento Juvenil*, que se manteve quase sem adversários até surgir nas bancas, em junho de 1937, *O Globo Juvenil*. No início era uma cópia do *Suplemento*, mas, graças ao poder da empresa que o editava (Rio Gráfica Editora, do grupo de Roberto Marinho), foi conquistando um espaço maior. Em 1939, *O Globo Juvenil* garantiu um contrato de exclusividade com o King Features Syndicate, apoderando-se de quase todos os grandes sucessos que pertenciam ao *Suplemento*.

Havia, no entanto, uma nova tendência no ar. Os comic books, com histórias completas, começavam a ter sucesso por aqui. Surgiram o *Gibi Mensal*, *O Guri*, *O Lobinho* e *O Globo Juvenil Mensal*, estabelecendo, no decorrer dos anos 40, a decadência dos tabloides trissemanais com histórias em continuação. Em 1945, quando terminou a Segunda Guerra, o *Suplemento Juvenil* e *A Gazetinha* tinham desaparecido. Adolfo Aizen, porém, não se entregou e criou uma nova editora, a Brasil América (EBAL), e, a partir de 1947, iniciou também a publicação maciça de comic books, começando com *O Herói*. Vieram em seguida as séries “Edição Maravilhosa” (clássicos em quadrinhos), “Aí, Mocinho!”, “Álbun Gigante”, e as revistas *Superman*, *Mindinho*, *Epopéia*, entre outras. A Rio Gráfica Editora (RGE), de Roberto Marinho, também atacava com *Shazam*, *Biriba*, em publicações semanais e mais tarde mensais, *Novo Gibi* e *Novo Globo Juvenil*, inundando as bancas com “os Gibis”.

Em 1950, Victor Civita entrava no mercado brasileiro, com as histórias de Walt Disney (*O Pato Donald*, *Mickey*) e também revistas com quadrinhos italianos e argentinos (*Raio Vermelho*, *Misterix*). Foi o começo da, hoje poderosa, Editora Abril. No Rio, Aizen dava força aos desenhistas nacionais, principalmente na “Edição Maravilhosa”, que publicou inúmeras adaptações de romances brasileiros (Alencar, Macedo, Jorge Amado, José Lins do Rego). Em São Paulo, na década de 50, surgiram algumas editoras que trabalhavam, principalmente, com material nacional, a La Selva, a Salvador Bentivegna e a GEP. Mas como no Brasil ainda não havia uma lei de reserva de mercado, era bem mais barato importar do que produzir aqui. É evidente que houve alguns curtos períodos de ebulição, principalmente no final da década de 70 e início da de 80, através de editoras já extintas, como a Grafipar, do Paraná, e a Editora Vecchi, do Rio. A Abril e a EBAL, durante muitos anos, alternaram-se na publicação do material norte-americano da Marvel e da DC Comics, criando uma espécie de marasmo no mercado brasileiro. O surgimento de alguns artistas que se destacaram primeiro nas tiras dos jornais – Henfil, Angeli, Glauco, Paulo Caruso, Laerte, Fernando Gonsales – abriram a possibilidade de novas publicações mensais. Surgiram então *Chiclete com Banana*, *Circo*, *Geraldão*, *Niquel Náusea* e *Piratas do Tietê*. Ao mesmo tempo, o público adulto, de maior poder aquisitivo, passava a contar com a publicação sistemática de álbuns, primeiro através da L&PM Editores, cuja coleção “L&PM Quadrinhos” ultrapassou cem títulos, e depois da Martins Fontes. Isso foi essencial para que a Rio Gráfica (hoje Editora Globo) e a Abril investissem mais no campo dos quadrinhos, publicando minisséries e graphic novels. A rigor, porém, o quadrinista nacional continuava um pária. Embora algumas editoras, como a D-Arte de Rodolfo Zalla, publicasse essencialmente material nacional, as poderosas do gênero continuavam não dando oportunidade aos brasileiros. Preferiam, quando muito, publicações destinadas somente para crianças como, por exemplo, *Mônica* e outros personagens criados por Mauricio de Sousa, de grande e merecido sucesso, e a quadrinização de personagens famosos na TV, como Xuxa,

Sérgio Mallandro, Os Trapalhões, Gugu e Angélica. Apesar disso, alguns artistas nacionais saíram daqui e triunfaram na Europa – Alain Voss e Sérgio Macedo, por exemplo –, e outros ganharam publicações no exterior, como Mozart Couto, Watson Portela e Deodato Filho. Aos brasileiros não faltavam talento e criatividade, mas apenas um espaço definido e garantido nesse mercado.

Vinte anos depois (1991-2010)

Para o mercado nacional, a última década do século XX foi um pouco melancólica. Após o desaparecimento de editoras que apoiavam as obras de autores brasileiros – Grafipar, Vecchi e D-Arte –, o nosso mercado de revista em quadrinhos parecia destinado ao domínio de HQs norte-americanas (Marvel, DC, Dark Horse, Image e outras).

À medida que o novo século se aproximava, as editoras, inclusive as tradicionais, se retraíam. Primeiro a Ebal, que praticamente só editava álbuns com personagens clássicos. A Abril e a Globo foram diminuindo drasticamente os seus lançamentos mensais, até darem um adeus ao mercado dos comics. Felizmente a Abril editou, em formato de álbuns, toda a série “Carl Barks” da Disney, com 41 volumes.

Com o surgimento de novas editoras – Mythos, Panini, Pixel, Devir, HQM, Conrad –, as revistas em quadrinhos ganharam espaço para viverem mais. A Mythos se concentrou principalmente na edição de títulos da Bonelli – *Tex*, *Zagor*, *J. Kendal*, *Mágico Vento* –, e também publicou a *Mad* por mais de cinquenta números. A Panini fixou-se em personagens da Marvel, DC e Wildstorm.

E os álbuns e livros em quadrinhos? A L&PM Editores colocou muitas HQs nacionais e internacionais na sua coleção “POCKET” e lançou algumas edições especiais, como *Aya*, ambientada na Costa do Marfim, África, e a israelense *Valsa com Bashir*. Também iniciou a ambiciosa coleção “Peanuts Completo”, de Charles Schulz, prevista para 25 álbuns, com aproximadamente 400 páginas cada um, além de resgatar um clássico dos quadrinhos franco-belgas, *Os Smurfs*.

A Panini editou álbuns europeus de categoria, como a série “Aldebaran”, do brasileiro Leo. O roteiro e os desenhos dessa série são uma obra-prima. Atualmente, a Panini está editando a versão brasileira da revista *Mad*.

Para editoras só de álbuns, o destaque vai para a Conrad, com alguns trabalhos de primeira qualidade, como *O epilético*, de Davi B (dois álbuns), e *O fotógrafo* (três álbuns), uma história passada no Afeganistão, sobre os médicos sem fronteiras, contada com fotos e desenhos.

Da Devir, o destaque em álbuns é para *Lost Girls*, do casal Alan Moore & Melinda Gebbie (três volumes).

No final de 2009, a Agir colocou no mercado obras baseadas em clássicos da nossa literatura, como *O Guarani*, criada por Luiz Gê, *O Cortiço*, por Rodrigo Rosa, e *O Alienista*, por César Lobo.

A Escala Educacional, na mesma linha, editou clássicos de Lima Barreto e Machado de Assis, quase todos com desenhos de Francisco Vilachã, Jo Fevereiro e Sebastião Seabra. E também a série “Histórias do Brasil” e “Histórias do Mundo”, só com roteiristas e ilustradores brasileiros.

A Companhia das Letras começou a investir realmente nas HQs com a série de álbuns de Spacca, baseados em fatos históricos. Podemos citar: *Santô e os pais da aviação*, *Viagem*

quadrinística de Debret pelo Brasil, D. João Carioca e, mais recentemente, uma versão do livro de Jorge Amado, *Jubiabá*. Em formato de livros, alguns com mais de 600 páginas, a Companhia das Letras lançou a série “Quadrinhos na Cia.” com algumas obras de vanguarda, como *Retalhos*, *O japonês americano*, *O umbigo sem fundo* e *Jimmy Corrigan – o menino mais esperto do mundo*.

Pouco a pouco, o mercado de álbuns foi ganhando novos destaques e novos editores fora do tradicional eixo Rio-São Paulo. Por exemplo, a Zarabatana de Campinas apresentou a obra *Macanudo* do argentino Liniers (veja em L). E também a versão em HQ do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Edgar Vasques e Flávio Braga.

Outro exemplo que pode ser destacado é a invasão dos mangás através de várias editoras. A grande maioria das histórias são consideradas fracas, mas junto apareceram edições completas de clássicos como *Crying Freeman*, *Sanctuary*, *Lobo solitário*, *Adolf e Buda*, esses dois últimos de Osamu Tezuka, com mais de duas mil páginas.

Do mercado norte-americano de reedições surgiram os álbuns da série *showcase* (todos com mais de 500 páginas), alternando personagens clássicos da Marvel e DC (Batman, Superman) e algumas obras destacáveis, como *Enemy Ace*, *Sgt. Rock*, *Jonah Hex* e *House of Mystery* (histórias de terror da DC).

Na Argentina, em 2006, reapareceu a revista *Fierro*, que já passou dos cinquenta números, registrando a presença de criadores como Carlos Trillo, El Tomy, Carlos Nine, Patricia Breccia e muitos outros. Da Argentina também, principalmente nos últimos dez anos, destacaram-se Eduardo Risso (que trabalha agora para o mercado norte-americano, em sucessos como *100 balas*), Maitena (da série “Mulheres Alteradas”), Alcatena (que já desenhou *Conan* e *Batman*) e Liniers, esse último criador das tiras de *Macanudo*, um prodígio de humor, sátira e criatividade naquele pequeno espaço.

E a nova geração de brasileiros? A Laerte, Glauco (lamentavelmente assassinado em março de 2010), Angeli, Vasques, Santiago, Spacca e muitos outros, juntaram-se os talentos de Allan Sieber, André Dahmer, Gabriel Bá e Fábio Moon, Grampá (esses três últimos já premiados nos Estados Unidos), Samuel Casal e muitos outros.

Na primeira década do novo século perdemos mestres como Will Eisner, Frank Robbins, Charles Schulz, John Buscema e Frank Frazetta. E os brasileiros Flávio Colin, Gedeone, Eugênio Colonnese (argentino naturalizado brasileiro) e Cláudio Seto. Dos nossos, alguns se foram enfrentando dificuldades econômicas, apesar de uma vida inteira dedicada quase exclusivamente aos quadrinhos. Eles nunca desistiram, entretanto. Deixaram uma grande lição para os jovens que estão lutando por essa arte que, apesar dos jogos eletrônicos e outras armadilhas inventadas para emburrecer a garotada, teima em continuar.

Então, longa vida aos quadrinhos!

DC e Marvel no Brasil: um breve relato

André Kleinert

Uma leitura razoavelmente atenta desta *Enciclopédia dos quadrinhos* propicia uma constatação óbvia: DC e Marvel Comics são as editoras mais mencionadas neste livro. O leitor também poderá observar que procuramos na nossa obra nomear as editoras nacionais que publicaram no Brasil material estrangeiro. Diante dessa situação, resolvemos fazer aqui um relato da trajetória da DC e da Marvel no nosso país, tanto para situar historicamente o leitor sobre as circunstâncias em que esses grupos editoriais estiveram presentes por aqui, quanto para não ser necessário a todo momento mencionar nos verbetes quem foi responsável pelo lançamento nacional de tal material.

1) DC Comics

É a junção das seguintes companhias editoriais: National Allied Publications, Detective Comics Inc., National Comics e All-American Publications. A DC Comics teve sua estreia no Brasil com o Consórcio Nacional em 1938, com histórias do Superman e Batman. Anos depois, o Consórcio Nacional transformou-se na Editora Brasil-América Ltda, também conhecida como EBAL. Os referidos personagens, além de outros da DC, ganharam títulos próprios. Após mais de quarenta anos publicando material da DC, tanto no tradicional tamanho norte-americano de páginas quanto no “formatinho”, a EBAL encerrou as suas atividades em 1983.

Em 1984, foi a vez da Editora Abril assumir a responsabilidade de lançar no Brasil os títulos da DC, primeiramente com as revistas *Super-Homem*, *Batman* e *Heróis em Ação*, e depois com várias outras publicações, principalmente no padrão “formatinho”, com exceção de algumas minisséries e álbuns. A Abril tentou revigorar as suas publicações da DC ao adotar o formato norte-americano, mas essa tentativa se revelou infrutífera em termos de vendagem. A parceria entre a Abril e a DC durou até 2002.

Poucos meses depois, a Panini passou a editar nacionalmente a DC. Publicando sempre no formato norte-americano, lançou diversas edições de séries, especiais, minisséries e álbuns. A Panini permanece até hoje como principal responsável pela presença da linha DC nas bancas brasileiras.

É importante mencionar que algumas poucas séries, minisséries, especiais e álbuns da DC Comics tiveram versões nacionais por iniciativa de outras editoras que não aquelas mencionadas acima, como a Globo, Mythos, Brainstore, Opera Graphica, Metal Pesado e Tudo em Quadrinhos.

2) Marvel Comics

Apesar da Marvel ser mais nova que a DC, pode-se dizer que a sua trajetória em terras brasileiras foi mais atribulada. Quem teve a iniciativa de publicar os seus personagens por aqui inicialmente foi a EBAL em 1967. Em junho daquele ano, distribuídas inicialmente de forma gratuita em postos de gasolina, foram lançadas as revistas *Capitão Z* (com as histórias

dos personagens Homem de Ferro e Capitão América), *Super X* (com Namor e Hulk) e a série “Álbum Gigante” (com Thor). Até 1975, a EBAL publicou outros personagens da Marvel (Quarteto Fantástico, Homem-Aranha, Demolidor e Mestre do Kung-Fu) em diversos títulos, sempre em preto e branco e dentro de um formato semelhante ao do norte-americano. Ainda no final da década de 60 e na primeira metade da década de 70, pequenas editoras (GEP, GEA, Paladino, Miname & Cunha) chegaram a lançar revistas com personagens da Marvel.

De fevereiro de 1975 até janeiro de 1979, quem teve a oportunidade de editar nacionalmente a Marvel foi a Bloch Editores. Publicando em “formatinho” e em cores (apesar dos tons fortes), a Bloch lançou revistas com as histórias de Capitão América, Demolidor, Homem de Ferro, Namor, Homem-Aranha, Tocha Humana, Ka-zar, Vingadores e outros. Além dos tradicionais super-heróis, a editora brasileira também teve a iniciativa de publicar boa parte da linha de horror da Marvel (A tumba de Drácula, Frankenstein, Lobisomem, Múmia viva).

Em 1979, duas editoras passaram a dividir os direitos de publicação dos personagens da Marvel: Rio Gráfica Editora (RGE) e Abril. A primeira assumiu os títulos de Hulk, Homem-Aranha, Quarteto Fantástico, X-Men, Mulher-Aranha, Nova, publicando os mesmos em títulos próprios ou almanaques (*Almanaque Marvel*, *Superalmanaque Marvel*, *Super-Heróis Marvel*, *Almanaque Premiere Marvel*), sempre dentro do padrão “formatinho” e colorido. A RGE findou sua participação em publicar títulos da Marvel em dezembro de 1982. Já a contribuição da Abril foi bem mais intensa e longeva. Inicialmente, a referida editora ficou com os personagens Thor, Capitão América, Homem de Ferro, Punho de Ferro, Surfista Prateado e Mestre do Kung-Fu. Suas primeiras revistas com os personagens da Marvel foram *Capitão América*, *Terror de Drácula* e *Heróis da TV*. Em 1982, com a estreia de *Superaventuras Marvel*, outras figuras importantes foram incorporadas: Demolidor, Doutor Estranho, Pantera Negra, Luke Cage. Com o surgimento dos títulos próprios de Homem-Aranha e Hulk, a Abril assumiu, praticamente, a totalidade do universo Marvel no Brasil. Assim, até 2001, publicou várias séries, minisséries, especiais e graphic novels. Na maior parte desse período, utilizou-se o tradicional, e às vezes malvisto, “formatinho”, com algumas exceções, sendo que no período final de seu “mandato editorial” com a Marvel, a Abril utilizou o padrão norte-americano no formato de suas publicações, mas a iniciativa foi malsucedida financeiramente.

A partir de janeiro de 2002, a Panini ficou com o direito de publicações dos títulos da Marvel, dedicando-se não só ao material recente dessa última, mas também à republicação de obras clássicas em encadernados e edições de luxo. A Panini continua até hoje editando publicações da Marvel, respeitando na maioria das oportunidades o tamanho original das revistas.

Assim como no caso da DC, ocasionalmente algumas outras editoras brasileiras (Globo, Mythos, Brainstore, Pandora Books) lançaram, ou lançam, material da Marvel Comics em nossas bancas ou comic stores.

PRÓLOGO... COM ALGUMA IRONIA



Mafalda inédita © Quino – Publ. Dom Quixote

A

AARON, Jason

Estados Unidos (1973)

O roteirista Jason Aaron começou sua carreira nos quadrinhos em 2002 através de um concurso de talentos da Marvel, tendo publicada uma história sua para o personagem Wolverine. Seu nome começou a despontar definitivamente em 2006, com o lançamento da minissérie “The Other Side” (Vertigo), um drama sobre a guerra do Vietnã, que acabou recebendo indicação para o prêmio Eisner. A consagração definitiva veio com *Escalpo* (Vertigo, 2006), violenta série policial que se passa numa comunidade indígena norte-americana, e que também rendeu indicações para prêmios relacionados a HQs. A partir de 2007, Aaron retomou sua parceria com a Marvel, escrevendo para as revistas *Wolverine*, *Motoqueiro Fantasma* e *Justiceiro*.

ABULI, Enrique Sanchez

Espanha (1945)

Graças a *Torpedo 1936*, Abuli tornou-se um dos roteiristas espanhóis mais famosos em todo o mundo. Os primeiros episódios foram desenhados por Alex Toth, que depois passou essa função a Jordi Bernet (veja em B). *Torpedo 1936*, por quase vinte anos, foi publicado na Espanha, Estados Unidos e Portugal (Editora Futura). Um dos últimos álbuns, *Torpedo em Cuba*, manteve a qualidade da série, mesmo longe do cenário original, o do marginalismo norte-americano dos anos 30. Com Bernet, Abuli fez outras histórias de sucesso, como *Snake*, *Macho*, *The God* e *The Bad and The Very Bad*, todas publicadas na edição norte-americana da *Heavy Metal*. Abuli também mostrou sua capa-

cidade criativa com *Garces* (Demasiado Humano), *Das Pastoras* (Kafre), *Jose Luis Sauri* (La Mariposa y La Llama), *Ritt* (Glam & Comet) e *Vega* (The Esquimo). Algumas narrativas curtas (Patchuli e Crônicas Negras), também desenhadas por Bernet, foram publicadas no Brasil pela revista *Animal*. Junto com o ilustrador Puech, Abuli criou a série “Joe Breakdown”, um marginal saído da violência cotidiana dos Estados Unidos.

ACHE, Jean

França (1923-1985)

Nascido em Havre, Jean Huet (conhecido por Ache) trabalhou em animação antes de dedicar-se aos quadrinhos. Colaborou em revistas como *Le Téméraire*, *Mon Journal* e *Tintin*. Sua mais conhecida criação – *Arabelle*, *la Dernière Sirène* – começou a ser publicada no *France Soir* (1950) para reaparecer, anos depois, no *Tintin* (1972).

ACQUARONE, Francisco

Brasil (1898-1954)

Pintor, caricaturista e ilustrador, formado na Escola Nacional de Belas Artes, também deixou para os quadrinhos nacionais uma importante contribuição. Começou sua carreira muito jovem na imprensa em periódicos do Rio de Janeiro, como *O Jornal*, *Dom Casmurro*, *A Noite*, *A Máscara* e em *O Globo*, onde realizava retratos e ilustrações a bico de pena e crayon. Sozinho ou em colaboração com A. de Queirós Vieira, publicou livros como *História da arte no Brasil*, *Mestres da pintura no Brasil*, *História da música brasileira*, *Quadros da história da pátria* e *Primores da pintura no*

Brasil. Em 1937, adaptou em álbum publicado pelo *Correio Universal* a obra de José de Alencar, *O Guarani*, com enorme sucesso de vendas. Nos quadrinhos, o estilo de Acquarone, embora pessoal, era influenciado pelos trabalhos de Alex Raymond. Em 1938, também para o *Correio Universal*, lançou *João Tymbira em redor do Brasil*, uma aventura cujo personagem lembrava levemente o Brick Bradford de William Ritt e Clarence Gray. A narrativa, porém, era essencialmente nacional e, partindo do Rio de Janeiro, levava o seu herói em andanças que percorriam Minas, o rio São Francisco, a costa do Nordeste e a região amazônica, depois voltando ao ponto de partida. Ao que tudo indica, sua incursão ao mundo dos quadrinhos ficou apenas nestas obras disputadas hoje a peso de ouro pelos colecionadores.

ADAIL

Brasil (1930)

Adail José de Paula nasceu em Registro, São Paulo, em 21 de outubro. Iniciou sua carreira profissional em 1947, num jornal de humor já desaparecido, *O Governador*, como chargista e cartunista. Em quadrinhos, a sua criação mais conhecida (tiras diárias) foi *Aristeu o Juiz*, publicada pelo *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Uma história que começou primeiro apenas com um juiz de futebol, passando depois para a mulher do juiz, o torcedor exaltado, jogadores perna de pau ou massa bruta, comentaristas e repórteres esportivos, enfim, uma visão geral do esporte.

ADAMS, Neal

Estados Unidos (1941)

Iniciou sua carreira aos 19 anos, escrevendo e desenhando páginas de “gags” para a Archie Comics. Seu trabalho começou a ter destaque quando ingressou na National Comics, trabalhando em tiras diárias de personagens como Bat Masterson e Ben Casey. Antes de 1970, completou seu aprendizado como assistente de Stan Drake (*O coração de Julieta*), Al Williamson (*O agente secreto Phil Corrigan*) e John Prentice (*Rip Kirby/Nick Holmes*). Seu primeiro personagem de destaque, em comic books, foi o Desafiador, criação original de Carmine Infantino e Arnold Drake. O herói, que morria no primeiro episódio de suas aventuras, revivia depois como um fantasma, obcecado pela ideia de reencontrar e punir os culpados pela sua morte. O gênio de Neal Adams explodiu nas publicações da DC (Detective Comics), *Lanterna Verde/Arqueiro Verde* (em clássicas e polêmicas HQs roteirizadas

por Denny O’Neil no período de 1970 a 1972), e, principalmente, *Batman*, para o qual deu uma dimensão dinâmica, movimentada e, às vezes, sinistra. Para a Marvel Comics, Adams trabalhou na criação de histórias para *X-Men* (1969) e *Vingadores* (1971). Dono de uma capacidade enorme, Adams, além de colaborar para as principais editoras norte-americanas, ainda criou uma série incrível de narrativas satíricas para o *National Lampoon*. Nos últimos anos, ilustrou histórias curtas e capas para DC e Marvel, além de ter sido o responsável pela arte da minissérie “Batman: The Odyssey” (2010). Neal Adams é visto como um dos renovadores da arte dos quadrinhos (principalmente nas histórias para os comic books), um profissional completo, criativo, que mescla suas histórias com mensagem e dinamismo anatômico.

ADAMS, Scott

Estados Unidos (1957)

Criador de uma das tiras de maior sucesso artístico e comercial dos últimos anos, Scott Adams teve um atípico início de carreira para um cartunista. Formado em Economia, trabalhou de 1979 a 1995 em importantes instituições financeiras norte-americanas. A partir dessas experiências profissionais e lembrando alguns de seus colegas, Adams teve a inspiração para criar *Dilbert* (imagem). A tira faz uma brilhante e ácida sátira do massacrante e medíocre cotidiano burocrático do mundo corporativo.

A série foi lançada originalmente em 1988, e ganhou uma legião tão grande de admiradores que acabou dando origem a várias coletâneas e até a uma série animada em 1999. No Brasil, *Dilbert* foi editado pela Ediouro e agora pela L&PM, na Coleção L&PM POCKET.



ADDISON

(Veja WALKER, Mort)

ADLARD, Charlie

Inglaterra (1966)

O trabalho mais conhecido do desenhista Charles “Charlie” Adlard pelos leitores brasileiros é a sua participação na série “Os Mortos-Vivos” (Image, 2003), escrita por Robert Kirkman e aqui editada pela HQ Maniacs. Nessa publicação, o traço simples e expressivo do artista se adapta perfeitamente com a sombria e tensa trama de zumbis

que dominam o mundo. Outra obra marcante de Adlard lançada no Brasil, dessa vez pela Mythos, foi o especial *Batman: A maldição de Scarface* (DC, 2001), roteirizada por Alan Grant. Entre outras publicações ilustradas por Adlard, pode-se mencionar também as graphic novels *White Death* (2002) e *Rock Bottom* (2006), ambas da AiT/Planet Lar, e as séries “Arquivo X” (Topps Comics, 1995) e “The Establishment” (Wildstorm, 2001).

AFONSKY, Nicholas

Estados Unidos (1891-1943)

Desenhista com grande atividade nos comics norte-americanos, começou a ser notado quando substituiu Ed Wheelan na série “Minute Movies”, dando muito mais alegria e comunicação às histórias. Chegou a desenhar, por algum tempo, *O agente secreto X-9* (1930), mas sua melhor e mais apreciada strip foi *Little Annie Rooney*, criação original de Brandon Walsh e Darrell McClure (1929). *Annie*, uma réplica de *Aninha, a órfã*, de Harold Gray, pela King Features Syndicate, passou a ser desenhada por Afonsky em 1932 (páginas dominicais), quando criou um companheiro para a jovem heroína, Joey Robbins. Assumindo as tiras diárias da série, Afonsky introduziu um novo personagem, Ming Foo, uma figura oriental, misto de sábio e aventureiro tranquilo, que acabou tendo mais fama que a *Little Annie Rooney* original (*Rutinha*, no Brasil).

AGNER

Brasil (1960)

Luis Carlos Agner Caldas, nascido no Rio de Janeiro, é mais conhecido como cartunista, chargista e ilustrador. Trabalhou para o *Pasquim*, *Jornal dos Sports* e *Jornal do Brasil*. Criou HQs para as publicações de humor, *Ovelha Negra* e, principalmente, *Mad* (Editora Vechi).

AGOSTINI, Angelo

Brasil (1843-1910)

Para muitos pesquisadores, este artista italiano, radicado no Brasil desde 1861, foi o criador do que se poderia chamar de os primeiros “quadrinhos” brasileiros. Em 1869, na revista *Vida Fluminense*, foram desenhados os primeiros capítulos de *As aventuras de Nhô-Quim*. Essas histórias, de longa duração, lembravam o padrão europeu da “narrativa figurada”, sem balões e com textos ao pé de cada quadrinho. A data inicial de publicação do *Nhô-Quim*, 30 de janeiro, é hoje comemorada como o Dia do Quadrinho Nacional, e “Angelo Agostini” passou a

ser o nome de um troféu concedido anualmente aos destaques das HQs. Em 1883, começaram a circular, na revista *Ilustrada, As aventuras de Zé Caipora*, no mesmo estilo de *Nhô-Quim*. Apesar de estrangeiro, Agostini soube capturar com perfeição o espírito e a brasilidade tropical de nosso país, mesmo vivendo no período do Império e nos primeiros anos da República. Com o título de *As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora*, foi publicado em 2002 (Senado Federal – Conselho Editorial) um magnífico álbum, pesquisado e organizado por Athos Eichler Cardoso. Essa edição se esgotou rapidamente e ao que se saiba não ganhou republicação.

AGUIAR, Aimar

Brasil (1946)

Editor do fanzine *Nostalgia dos Quadrinhos* desde os tempos do mimeógrafo a álcool, Aimar Aguiar tornou-se conhecido em todo o país por seu desmedido interesse por tudo quanto diga respeito ao personagem Lone Ranger (Zorro, no Brasil), o que lhe rendeu o título de “padrinho do Zorro”. Coleciona tudo sobre esse herói: gibis, fotos, recortes e filmes. Aimar nasceu na capital baiana e dedicou a maior parte de sua vida ao Corpo de Bombeiros em Salvador, onde mora. Sua busca infatigável para aumentar seu acervo tornou-o figura conhecida dentro e fora de nossas fronteiras.

AGUIAR, José

Brasil (1975)

O curitibano José Aguiar, formado pela Faculdade de Artes do Paraná, é ilustrador e quadrinista. Sua vida profissional começou aos 16 anos, publicando tiras em jornais de sua cidade. Suas principais séries são *Folhateen*, que explora o universo adolescente, e *Pensão João*. Ajudou também a criar *Gralha*, um super-herói inspirado nas peculiaridades do folclore de Curitiba, junto com um grupo de autores locais. Colaborou com as revistas *Metal Pesado*, *Front*, *Canalha* e *Wizard Brasil*. Em 2006, venceu o Primeiro Concurso Internacional de Quadrinhos do SENAC-SP. Como prêmio, ganhou a publicação de *Folhateen* pela editora Devir. Seu trabalho mais conhecido é *Quadrinhofilia*, da HQ Maniacs Editora, uma reunião de treze histórias avulsas, com um estilo bem diferente cada uma. Marko Adjaric, na contracapa da obra, diz: “Falar de Aguiar é falar de extensões... Exatamente esta extensão de seu engenho e empenho que você tem nas mãos agora. Assim o artista ganha mais uma. A sua mente”. A partir de um roteiro de André Diniz, Aguiar desenhou para a Escala Educacional, na série “História do Brasil em

Quadrinhos”, uma excelente versão de *A Guerra dos Canudos* (2008). Participou igualmente do álbum coletivo *MSP + 50 – Mauricio de Sousa por mais 50 artistas* (Panini, 2009), homenagem aos cinquenta anos de Mauricio de Sousa nas HQs.

AGUIAR, Luis Antonio

Brasil (1955)

Na revista *Terik* (Icea Gráfica Editora), Luis Antonio Aguiar assim recorda sua carreira como roteirista de HQs: “Comecei a trabalhar em 1977, na então Rio Gráfica Editora, na revista *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Em 1979, fui contratado como redator e assistente da editora. Em 1981, comecei a fazer roteiros para a *Vecchi* (revista de terror), e também para a Abril (personagens da Disney, Bolinha, Luluzinha e Os Trapalhões). Em 1984, apareceu meu primeiro álbum, *Indecências e desmandos do herói Macunaima em sua passagem pela história da terra Brasil*, com desenhos de Guidacci (Ed. Marco Zero). Em 1986, viria *Nos tempos de Madame Satã*, ilustrado por Shimamoto. Roteirizei os três números da revista *Futebol e Raça*, com arte de Mozart Couto”. Um dos trabalhos mais recentes de Aguiar foi um álbum pela Opera Graphica com Shimamoto, *Cassino (Madame Satã)*. Em 2010, a Editora Ática lançou a adaptação para os quadrinhos de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, com texto de Aguiar e arte de César Lobo. Publicou muitos livros de literatura infantil, e ao longo de sua carreira acumulou os prêmios Jabuti, Adolfo Aizen e outros.

AHERN, Gene

Estados Unidos (1895-1960)

Cartunista e ilustrador nascido em Chicago, Gene começou nos quadrinhos em 1915, em tiras diárias envolvendo esporte, humor e o cotidiano. Sua história mais importante, *Our Bording House*, é de 1921 e tinha como herói um tal de Major Hoople, que se tornou muito conhecido. Seu humor estava entre o estilo desaforado de W. C. Fields e o nonsense surrealista dos irmãos Marx. Em 1936, Hoople e Ahern se mudaram para o King Features Syndicate, numa nova história chamada *Room and Board*, que resistiu até a morte de seu criador. Ahern é bastante apreciado na Europa e nos Estados Unidos, mas poucos o conhecem no Brasil.

AIDANS, Edouard

Bélgica (1930)

Este bom ilustrador belga começou sua carreira em 1956. Colaborou principalmente para a revista

Tintin e a publicação francesa da Glénat, *Le Canard Sauvage*. As séries mais conhecidas com o seu traço são *Tounga* (1962), *Les Franval* (1963) e *Les Panthères* (1971). *Tounga* (Tonga, na edição portuguesa do *Tintin* e em álbuns traduzidos para o espanhol e para o português) é guerreiro pré-histórico. No começo, suas aventuras eram meio “tarzânicas”, mas com o decorrer dos tempos, Aidans deu a elas dimensões sócio-históricas bem mais atraentes.

AILTON ELIAS

Brasil (?)

Ilustrador e roteirista gaúcho, Ailton Elias Gonçalves teve suas primeiras histórias publicadas no Fanzine (impressão gráfica) de Oscar C. Kern, *Historieta*. Lançou um super-herói, *Homem Justo*, e depois, com cenário amazônico, *Brigada das selvas*, sua mais conhecida criação. Uma das aventuras da *Brigada* teve circulação nacional, em revista da Evictor Editora (Ribeirão Preto-SP). Ailton Elias colaborou igualmente com a Press Editorial (São Paulo), criando histórias de horror.

AIZEN, Adolfo

Brasil (1907-1991)

Sem ser desenhista, argumentista ou arte-finalista, Adolfo Aizen transformou-se num dos nomes mais importantes para a divulgação e a evolução dos quadrinhos no nosso país. Nascido em Juazeiro, aos 15 anos viajou para o Rio de Janeiro, decidido a tornar-se jornalista. Em 1933, já trabalhando para *O Malho*, conseguiu chegar até *O Tico-Tico*, revista infantil de contos, ilustrações, curiosidades e quadrinhos, que era publicada desde 1905. Aizen acreditava que havia um público maior e mais juvenil para as HQs. Em 1933, ganhou uma viagem para os Estados Unidos, através do Touring Club, representando jornais e revistas do Brasil. Em Nova York, fez contatos com o King Features Syndicate (da cadeia de jornais de William Randolph Hearst), onde conheceu Milton Caniff, Alex Raymond, Bob Ripley e muitos outros “cobras” dos quadrinhos norte-americanos. Publicar aqui aqueles trabalhos se tornou a ideia fixa de Aizen. Ao voltar, conseguiu viabilizar o seu sonho, graças ao apoio de João Alberto Luis de Barros, fundador do jornal *A Nação*. Assim, em 14 de março de 1934, encartado em *A Nação*, apareceu o número um do *Suplemento Infantil*. A capa era de J. Carlos e no interior havia algumas histórias que fascinaram Aizen lá nos Estados Unidos. O *Suplemento Infantil* foi um sucesso imediato e, após quinze números, Aizen resolveu separar-se de *A Nação* para criar

um jornal próprio, só de quadrinhos, *Suplemento Juvenil* (20 de junho de 1934). Em formato tabloide, com histórias em preto e branco e cores, o *Suplemento Juvenil* durou dez anos e chegou a uma tiragem de 300 mil exemplares, circulando às terças-feiras, quintas-feiras e aos sábados. Nas suas páginas desfilaram Flash Gordon, Brick Bradford, Mandrake, X-9, Red Barry, Rádio patrulha, Tim e Tom, o Rei da Polícia Montada e muitos outros personagens clássicos. Logo a empresa fundada por Aizen, o Grupo Consórcio Suplementos Nacionais, passou a publicar outras revistas, como *Mirim* (abril de 1937) e *Lobinho* (1938 – primeiro semanal, depois mensalmente). Nesse elenco de publicações, Aizen incentivou sempre a criação de histórias brasileiras, ajudando a formar dezenas de novos ilustradores e argumentistas. Em 1945, Aizen resolveu dar um passo ainda maior. Fundou a Editora Brasil-América (EBAL), de cujas primitivas oficinas na Rua Mem de Sá, no Rio de Janeiro, saíram os exemplares de uma revista mensal em rotogravura, *O Herói*. Com esse novo sucesso surgiu a possibilidade, para Aizen, de criar, no bairro São Cristóvão, uma nova sede com oficinas gráficas para a EBAL (1947). Na década de 50, a EBAL tornou-se a mais importante empresa do gênero, chegando a imprimir uma média de quarenta revistas por mês. Além do material estrangeiro, Aizen publicava adaptações de clássicos da nossa literatura, incentivando sempre os profissionais brasileiros. No fim de 1970, os quadrinhos passaram por uma grande crise mundial, e a EBAL foi limitando cada vez mais suas publicações mensais. No fim de seus dias, a editora praticamente só lançou álbuns com clássicos dos quadrinhos, como *Flash Gordon* e *Príncipe Valente*. Quando Aizen faleceu, em 1991, todos os jornais brasileiros transmitiram a notícia com pesar e destacaram o seu grande trabalho pela divulgação dos quadrinhos em nosso país. Foi uma vida inteira dedicada a esse gênero, que obteve respeito graças, em especial, ao esforço empreendedor de Aizen.

Leituras: *A Guerra dos Gibis*, de Gonçalo Jr. (Companhia das Letras, 2004) e *EBAL – Fábrica de Quadrinhos* (Via Lettera, 2006), de Ezequiel de Azevedo.

AKATSUKA, Fujio

Japão (1935)

Dono de um estilo simples, que se realiza em traços básicos, Akatsuka é um dos mais populares desenhistas do Japão. Nascido na China, foi levado

por sua mãe para o Japão após a Segunda Guerra Mundial. Em 1955, estreou contando a história de *Arashio Koete*, uma protagonista feminina. Só alcançou sucesso em 1962, com *Osomatsukun*. Seguiram-se vários trabalhos, sempre para os comic books, envolvendo histórias de samurai, humor, personagens masculinos e femininos. Muitas de suas narrativas foram adaptadas para animação. Em geral, seus personagens são anti-heróis que vivem aventuras marcadas pelo nonsense. Suas histórias variam entre a comédia e um estilo de humor meio pastelão.

AL

Brasil (1950)

Alcides Leipzigen Jr. é carioca. Começou a exercer sua atividade profissionalmente em 1966, no *Jornal dos Sports*. Chargista e quadrinista, colaborou com as revistas *Pasquim*, *Mad* (da Vecchi) e *Casseta*, onde apareceram suas melhores histórias. É coautor do livro *A pulga ninfomaniaca*.

ALBERTARELLI, Rino

Itália (1908-1974)

Depois de muitas experiências artísticas – pintor, ceramista, cenarista e ator – Albertarelli fixou-se em Milão (1928), desenhando para uma revista semanal infantil, *Balilla*. Foi o começo de sua carreira prolífica e brilhante, fixada principalmente nos quadrinhos. A partir de 1936, já no gênero de aventura, produziu obras como *Il Pirati de Pacifico*, *Capitan Fortuna* e *Big Bill*. Para a editora Mondadori, criou os famosos personagens Kit Karson, Gino e Gianni, Baghonghi il Pagliaccio, Il Dottor Faust, Un Gentiluomo di 16 anni, e, principalmente, Il Corsaro Nero, baseado nas novelas de Emilio Salgari sobre Sandokan. Após a Segunda Guerra Mundial, além de seu trabalho cotidiano nos quadrinhos, Albertarelli também encontrou tempo para ilustrar material didático, religioso e contos de far west. Seu último grande legado foi a série “Personagens do Oeste”, magníficos álbuns de cem páginas cada (Billy the Kid, George Armstrong Custer, Touro Sentado, Wyatt Earp e Geronimo). Com um trabalho de pesquisa notável, Albertarelli legou-nos uma visão realista do contexto histórico-social da região oeste dos Estados Unidos, entre 1870/1890. Considerado como um dos “pais” dos quadrinhos italianos, Albertarelli morreu deixando essa série no seu quinto volume (eram planejados vinte). No Brasil, *Personagens do Oeste* foi publicado pela EBAL.

ALBUQUERQUE, Rafael

Brasil (1981)

O gaúcho Rafael Albuquerque iniciou sua trajetória nos quadrinhos em 1999, colaborando na arte dos fanzines *Bacalhau man* e *Jovens guerreiros*, que contavam com roteiros de Felipe Ferreira. Sua estreia no mercado internacional ocorreu em 2003, quando passou a ilustrar para a editora egípcia AK Comics os títulos *Rakan*, *Aya*, *Jalila* e *Zein*. Em 2005, assumiu os desenhos de algumas séries da Boom Comics (*Savage Brothers*, *Tales of Fear Agent*, *Jeremiah Harm* – esse último, com argumentos de Keith Giffen e Allan Grant). Retomou a parceria com Felipe Ferreira na graphic novel *Crimeland* (Image, 2007), obra de cunho autoral. Pela DC, participou das revistas de *Besouro Azul*, *Robin*, *Stranger Adventures* e *Superman/Batman*. Em 2010, a Vertigo lançou a série “American Vampire”, que trazia na sua equipe criativa, além de Albuquerque, os escritores Scott Snyder e Stephen King (o renomado romancista de horror). *American Vampire* recebeu edição nacional pela Panini. No Brasil, entre 2008 e 2009, Rafael Albuquerque publicou pelo Mondo Urbano, junto aos quadrinistas Mateus Santolouco e Eduardo Medeiros, as HQs *Powertrio*, *Overdose*, *Cabaret* e *Encore*. Essas histórias giravam em torno do trinômio sexo, drogas e rock and roll. Tais publicações foram editadas em uma coletânea pela Devir em 2010. Albuquerque colaborou ainda no álbum coletivo *MSP + 50 – Mauricio de Sousa por mais 50 artistas* (Panini, 2010).

ALCALA, Alfredo

Filipinas (1925-2000)

Autodidata por excelência, Alcala ainda muito jovem iniciou-se como ilustrador, durante os dias da ocupação japonesa nas Filipinas. Foi somente em 1948 que seus primeiros trabalhos em quadrinhos apareceram na revista *Bituin Komiks*. Essa e outras publicações quinzenais exigiam de Alcala uma verdadeira maratona de produção, com trabalho em gêneros que variavam desde o melodramático até o fantástico, dos super-heróis a personagens cômicos. Sua arte foi se aprimorando e acabou grande demais para o limitado mercado filipino. Assim, no início de 1970, Alcala e outros artistas radicados em Manila foram contratados pela Marvel Comics. Nos Estados Unidos, ele ilustrou histórias de suspense e ação, tornando-se depois praticamente exclusivo de *A espada selvagem de Conan*. Combinando seu traço com o de John Buscema, Alcala foi uma das razões do enorme sucesso internacional das

histórias em quadrinhos baseadas nos personagens criados originalmente por Robert E. Howard.

ALCATENA, Enrique

Argentina (1957)

No final dos anos 70, na revista argentina *Skorpio*, surgiram as histórias de Enrique Alcatena. Uma verdadeira revolução no mundo das artes gráficas. Mestre no branco e preto, dando inteira liberdade à criação em temas e formas de desenho, Alcatena logo se tornou uma figura fora dos esquemas tradicionais. Sua inspiração abarcava histórias de samurais, guerreiros, personagens da literatura fantástica, sonhos, pesadelos e, às vezes, até o humor, sempre, entretanto, buscando, na originalidade do traço, o seu caminho principal. Até o final de *Skorpio* (quase 250 números), Alcatena esteve presente em séries como “Travessia por El Labirinto”, “El Mago”, “Acero Liquido”, “Dulce y Dorado Como La Sangre”, “Dinastia Maldita”, “Un Vikingo y Pesadilas”. Colaborou também com revistas como *El Tajo*, *Cóctel* e *Hacha*, quase sempre com roteiros de Mazzitelli (veja em M). O talento de Alcatena atraiu tanto a atenção da Marvel, onde desenhou histórias de Conan, como da DC, para a qual ilustrou Batman em *O Cor-sário*, linha Túnel do Tempo e *Asilo Arkham*, em ambas utilizando as cores. Hoje, Alcatena desenha para a *Skorpio* italiana (edições *L'Eura*) na série “Inferno”, com roteiro de Mazzitelli. Com Robin Wood (veja em W), Alcatena criou o personagem Merlin, publicado em álbum pela Editora Thalos de Buenos Aires (2006).

ALCÁZAR, Vicente(Veja **MORA, Victor**)**ALCY**

Brasil (1943)

“Sem nenhum exagero, Alcy foi o mestre de todos nós, com aquela cara de Netuno, barba e sobran-celhas espessas, guiando-nos entre as correntes e incertezas, assinalando qual o lugar seguro para se pisar, ou navegar”. Paulo Caruso escreveu essas palavras no texto de orelha do álbum *Vida de artista*, produzido pela Editora Jacarandá. Esse álbum apresenta uma visão abrangente das artes de Alcy Linares. Ilustrador, chargista e cartunista, Alcy também desenhou, em menor quantidade, HQs, em publicações como *Circo* e *O Bicho*. Colaborou em *Pif Paf*, *O Pasquim* (1ª fase) e nos jornais *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular* e *Jornal do Brasil*.

ALESSANDRINI, G.

Itália (1950)

Giancarlo Alessandrini nasceu em Jesi. Depois de ter frequentado a Escola de Arte de Ancona, dirigiu seu talento para os quadrinhos, e aos 22 anos seu trabalho já era reconhecido, ilustrando as séries “Anni Duemila” e “Lord Shark” para a publicação semanal *Corriere dei Ragazzi*. Logo após, colaborou nas revistas inglesas da Fleetway Publications, principalmente em histórias de guerra. Para o Studio Arcoquattro, ilustrou as aventuras de Eva Kant, publicadas na edição italiana da *Cosmopolitan* e depois na *Mago*. Colaborou para a CEPIM nas séries “Ken Parker” e “Martin Mystère”. Para essa mesma editora, na coleção “Um Homem/ Uma Aventura”, publicou *O homem de Chicago*, um excelente trabalho que retrata o final dos anos 20 e o auge do gangsterismo norte-americano. Na continuidade de sua carreira, para a Bonelli, ele se dedicou, principalmente, à série “Martin Mystère”, tornando-se seu principal desenhista. É autor de um magnífico “Tex Gigante”, *O desfiladeiro da cobiça*, com roteiro de Nizzi e publicado no Brasil pela Mythos em 2006.

ALEXIS

França (1946-1977)

Dominique Valet, usando o pseudônimo de Alexis, marcou sua presença de forma brilhante nos quadrinhos franceses, apesar da morte prematura, aos 31 anos. Começou na revista *Pilote*, em 1968, onde dois anos depois formou dupla com Gotlib (veja em G). Juntos, criaram uma série de paródias divertidíssimas sobre obras célebres do cinema, como *A dama das camélias*, *Hamlet*, *Os cavaleiros da tábua redonda*, *Taras Bulba* e *O corcunda de Notre Dame*. Também é criação sua: *Les Aventures de Al Crane* (paródia de western), *Superdupont* (um Superman tipicamente francês) e *Avatars et Coquecigrues*. Seu traço, no início, lembrava o de Jack Davis (da revista *Mad*), mas com o tempo adquiriu características próprias, sempre voltadas para o humor e a sátira.

ALISIO, Hector Gómez

Brasil (1953)

Antes de desenhar dois álbuns com os personagens da TV, Juba e Lula, da série “Armação Ilimitada”, o argentino Hector Gómez era muito pouco conhecido no Brasil. Com roteiros de Régis Rocha, os álbuns *Juba & Lula* (Operação Super-Homem) e *Uma aventura na Amazônia* abriram novos espaços para Alisio em revistas como *Metal Pesado*,

Porrada Especial, *Interquadrinhos* e *Pau Brasil*. Chegou a ter uma publicação própria, *Amazing Muchachas*, em dois números, e também editou um álbum com as personagens. Junto com o cineasta paulista Guilherme de Almeida Prado (A dama do cine Shangai, Por onde andarás Dulce Veiga?) criou uma graphic novel muito elogiada, *Samsara* (1991), publicada pela Editora Globo.

ALLAN ALEX

Brasil (1964)

A arte de Allan Alex, que no álbum *Sangue bom* (Opera Graphica, 2003) se limitava a finalizar os desenhos de Solano López (veja em S), ganhou dimensão de mestre em *O cabeleira* (Desiderata, 2008). Com roteiro de Leandro Assis e Hiroshi Maeda, essa adaptação do romance de Franklin Távora apresenta o ilustrador (que deve muito ao argentino Solano López, sendo isso reconhecido pelo próprio Allan) em fase mais própria, quer na diagramação das páginas, na utilização do preto e branco e no perfeito domínio das cenas de ação. Antes, com o roteirista Patati (Carlos Eugênio Batista), criou o taxista Nonô Jacaré. Allan trabalhou em *Mil Perigos*, *Porrada* e a edição brasileira de *Heavy Metal*. Em *Irmãos Grimm em Quadrinhos* (Desiderata, 2007), álbum coletivo, desenhou a história *O velho sultão*.

ALLRED, Mike

Estados Unidos (?)

Escritor de tramas bizarras e repletas de referências ao universo pop, além de desenhista com um traço que oscila brilhantemente entre o estilizado e o grotesco, Mike Allred tem uma inquietante obra de fortes tons autorais. O excêntrico super-herói Madman foi criado em 1990 por Allred para a revista *Creatures of The Id* (Caliber) e ganhou série própria em 1992, em lançamentos pelas editoras Dark Horse e Image. No Brasil foi editado em minisséries pela Atitude e em um álbum pela Pixel Media. Outro trabalho memorável do autor foi a série “Red Rocket 7” (Dark Horse), aqui publicada em formato de álbum pela Devir, onde o personagem-título é um clone alienígena que vive uma estranha aventura na Terra, presenciando vários dos fatos mais marcantes da história do rock. Não é à toa, portanto, que o tamanho e o formato das páginas das edições de *Red Rocket 7* são exatamente os mesmos dos long-plays. Para a Marvel, Allred foi o responsável pela arte das séries “X-Force” (2001) e “X-Táticos” (2002), roteirizadas por Peter Milligan, que traziam uma inusitada e ácida visão sobre o universo mutante da editora,